

CORPOS SEM LUGAR: OS DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS¹

Daniele Ribeiro Fortuna²

RESUMO: Este artigo analisa duas obras de Carolina Maria de Jesus: *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo*. O foco é a questão da miséria, do corpo e da emoção. Antes de fazer esta análise, entretanto, o texto aborda a temática do corpo, tecendo considerações sobre os tipos de disciplina que vem sofrendo ao longo da história. Em seguida, trata dos dois livros de Carolina, nos quais ela escreve sobre a pobreza e a forma pela qual ela e sua família eram afetadas por ela.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, diário, corpo.

BODIES WITHOUT A PLACE: THE DIARIES OF CAROLINA MARIA DE JESUS

ABSTRACT: This article analyzes two works of Carolina Maria de Jesus: *Diário de Bitita* and *Quarto de despejo*. The focus is the issue of poverty, body and emotion. Before making this analysis, however, the text deals with the theme of the body, with considerations about the types of discipline that has been suffering throughout history. Then comes the two Carolina books, in which she writes about poverty and the way she and her family were affected by it.

Keywords: Carolina Maria de Jesus, diary, body.

Introdução

Carolina Maria de Jesus ficou internacionalmente conhecida por publicar o livro *Quarto de despejo*. Nele, está registrado um diário do tempo em que viveu na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950.

Cinco anos após a sua morte, em 1982, foi lançado na França o livro *Diário de Bitita*, no qual Carolina escreveu suas lembranças desde a infância, na pequena Sacramento, em Minas Gerais, até o momento em que se mudou para a cidade de São Paulo.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, em 2015.

² Atualmente é professor Adjunto Doutor I da Universidade Unigranrio, atuando na graduação em Comunicação Social e no mestrado acadêmico e doutorado em Humanidades, Culturas e Artes.

Embora tratem de épocas diferentes e apresentem uma linguagem e formato também um tanto diverso, ambos abordam a questão da miséria. Em *Quarto de despejo*, a escritora é testemunha do início da favelização de São Paulo. Retrata o seu cotidiano como catadora de lixo e mãe solteira de três filhos. Em *Diário de Bitita*, Carolina relembra a infância miserável, os problemas familiares, a luta para se curar de uma grave doença nas pernas.

Nas duas narrativas, além da miséria, a questão do corpo permeia toda a escrita. São corpos sempre fora de lugar. “Eu me sentia como se fosse um refugio. Uma moeda fraca, sem cotação”, afirma Carolina (2014, p. 190). A escritora utiliza o termo ‘refugio’, também usado por Zygmunt Bauman (2004). Segundo Bauman, na categoria de “refugio humano”, estariam todos aqueles que, de alguma forma, vivem à margem da sociedade e/ou que estão “sem domicílio e sem função” (BAUMAN, 2004, p. 42). De acordo com Bauman (2001, p. 116), tais sujeitos:

podem ser confinados a seus próprios alojamentos, de modo que possamos contorná-los e assim evitá-los; podem ser designados para certos empregos e serviços, a serem usados apenas em tempos e lugares claramente definidos; e podem ser mantidos separados, a uma distância segura do fluxo da vida diária normal.

E é esse confinamento, essa separação dos demais membros da sociedade, que percebemos em vários momentos de *Quarto de despejo* e de *Diário de Bitita*. Antes de nos debruçarmos sobre as narrativas, cabe, porém, que façamos algumas considerações sobre a questão do corpo.

Considerações sobre o corpo

Quando refletimos sobre o papel do corpo na história, percebemos a maneira de pela qual a relação do ser humano com este se transformou. De acordo com Rodrigues (1995), na Idade Média, não havia diferenciação entre corpo, vida e morte. A existência humana era um ciclo: a morte era continuação da vida. Muitas festas, por exemplo, aconteciam em cemitérios, e os cadáveres eram parte das celebrações. A forma de se lidar com os orifícios também era diferente. Não se considerava condenável ou vexatório defecar ou escarrar em público, por exemplo.

Aos poucos, a maneira como o corpo era visto foi se modificando. Para Le Breton (2011), o surgimento do individualismo ocidental apresentou-se como um ponto crucial para esta mudança:

O corpo como elemento isolável do homem (...) não é pensável senão nas estruturas sociais de tipo individualista, nas quais os homens estão separados uns dos outros, relativamente autônomos em suas iniciativas, em seus valores. O corpo funciona à maneira de um marco de fronteira para delimitar perante os outros a presença do sujeito. Ele é fator de individuação. (LE BRETON, 2011, p. 32)

Assim, o homem passou a ter mais preocupações com a privacidade, ao contrário do que ocorria na Idade Média. Nos séculos XV e XVI, tal preocupação se intensificou, bem como os cuidados com a higiene. O corpo, outrora mais livre, tornou-se mais contido. Estabeleceram-se fronteiras mais definidas entre um sujeito e outro, represando e contendo as energias, que antes conectavam os sujeitos na comunidade. (LE BRETON, 2011)

O século XVII testemunhou uma maior reificação do corpo, que passou a ser também objeto da ciência. Para Le Breton (2011), com o objetivo de corrigi-lo e fazer dele uma mecânica, a ciência começou a associá-lo à ideia de máquina. O filósofo francês considera ainda que tal filosofia mecanicista acabou prevalecendo sobre as outras maneiras de se ver o corpo.

Segundo Foucault (1977), o corpo foi é objeto e alvo de poder e, por isso, precisa ser controlado, para que seja útil e inteligível: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1977, p. 126).

Foucault considera ainda que o interesse pela docilidade dos corpos acentuou-se a partir do século XVIII, quando começaram a surgir métodos mais eficazes de coerção e correção do corpo: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (FOUCAULT, 1977, p. 126).

Tais métodos disciplinares, de acordo com Foucault, já existiam há bastante tempo em lugares como conventos, exércitos e até oficinas, mas que se tornaram “fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 1977, p. 126). O objetivo é fazer com que o corpo não apenas adquira e desenvolva ainda mais suas habilidades, mas principalmente torná-lo obediente e útil. Assim, o corpo torna-se disciplinado e dócil.

Para tanto, é fundamental o papel das escolas, dos espaços hospitalares e da organização militar. Essas instituições são capazes de desenvolver “técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo

modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova ‘microfísica do poder’” (FOUCAULT, 1977, p. 128).

Dentre essas minúcias, Foucault (1977, p. 129) destaca a educação cristã e a pedagogia escolar ou militar:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.

Nesse sentido, o comportamento corporal deve ser disciplinado, contido, para que suas reações sejam calculadas, e todos os objetivos traçados sejam facilmente alcançados. Corpos dóceis para uma vida organizada e sem percalços inesperados.

O desejo por uma docilidade do corpo permanece até hoje, assim como perduram também as fugas, resistências e desobediências às disciplinas. É fato que a disciplina tem seu papel na manutenção da ordem nas sociedades, entretanto, cabe salientar que tais disciplinas, além de nivelarem os sujeitos, colocam sob suspeita todos aqueles que, de alguma forma, não se enquadram nessa ordem – o que é o caso dos diários da escritora aqui analisada.

Antes de partir para esta análise, porém, cabe refletir sobre o corpo atualmente, cada vez mais fragmentado e sujeito às imposições sempre mais exigentes da vida cotidiana e às técnicas da ciência médica.

Le Breton (2011, p. 145) afirma que “a partir das ações diárias do homem, o corpo se faz invisível, ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das recepções sensoriais”. Nesse sentido, o cotidiano é muito importante no comportamento corporal: é preciso seguir o que é aceitável e, na verdade, acabamos por aprender como devemos nos comportar em função da disciplina e da repetição.

Segundo Le Breton (2011, p. 147): “Nas condições habituais da vida, o corpo é transparente ao ator que o habita. Ele desliza com fluidez de uma tarefa a outra, adota gestuais socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações.”

Os gestos devem ser planejados, pois estamos sob constante observação, principalmente, nas cidades. Para Le Breton (2011, p. 159), “o olhar é hoje a figura hegemônica da socialidade urbana”. Assim, tudo que salta aos olhos, chama a atenção. Por isso também, a vigilância aumenta: se o que destoa pode agredir a ordem, é necessário manter a disciplina, cuja primeira ação se dá por meio do olhar.

Talvez por querer passar despercebido ou querer apenas que suas qualidades sejam apreciadas, “o homem ocidental, ao longo de sua vida cotidiana, manifesta implicitamente sua vontade de não sentir o corpo, de esquecê-lo, tanto quanto for possível” (LE BRETON, 2011, p. 195). Dessa forma, revelar o corpo é apropriado apenas em certos lugares e situações, mas, ainda assim, cabe fazer o possível para manter a discrição.

Cada vez mais, o corpo se torna objeto. Acentua-se inexorável e profundamente a reificação que já se observara anteriormente: “O corpo não é mais um destino ao qual nos abandonamos, ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira” (LE BRETON, 2011, p. 247).

Le Breton (2011) enfatiza ainda que, para cada categoria social, um corpo específico. Em algumas categorias (camadas rurais e operárias) valorizam-se a força, a resistência; em outras (profissionais liberais), a aparência, a forma.

Com isso, vivemos um momento em que tudo, para o corpo, se exacerbou: as técnicas, o apagamento, a disciplina, o enquadramento, a vigilância etc. Isso posto, cabe retomar a pergunta que apresentamos anteriormente: como são os corpos daqueles que, de alguma maneira, fogem aos padrões socialmente estabelecidos?

O corpo de Carolina Maria de Jesus em seus diários

A corporeidade no início do século XX e na década 1950, épocas tratadas em *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo*, respectivamente, é um pouco diferente do momento atual. Hoje em dia, modernizaram-se as técnicas científicas, o consumo de produtos em todos os níveis e para todas as necessidades se intensificou e, de certa forma, observa-se maior liberdade no concerne às mulheres.

Entretanto, a base do que vivemos hoje no que diz respeito ao corpo já estava lá. E como eram exatamente este corpo, a vida e as emoções dos sujeitos que fogem ao padrão socialmente estabelecido, como questionamos no final do item anterior?

É possível ter algumas impressões dessas existências por meio da análise dos diários de Carolina Maria de Jesus, um lugar de resistência e confissão.

Em *Diário de Bitita*, a narrativa é marcada pela exclusão da pequena Carolina em função da cor negra de sua pele, pela sua condição miserável e pelo fato de ser filha de um relacionamento fora do casamento, o que era considerado um escândalo no início do século XX. A própria mãe, muitas vezes, a rechaçava por isso: “Minha mãe disse que bebeu inúmeros

remédios para abortar-me, e não conseguiu. Por fim desistiu e resolveu criar-me”. (JESUS, 2014, p. 73)

O relacionamento com a mãe era difícil:

Quando a minha mãe falava, eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

— Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

— Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai, eu não estaria aqui. (JESUS, 2014, p. 14)

Além disso, Carolina era impertinente e, por causa de seu comportamento, era constantemente repreendida: “Bate, Cota! Bate nessa negrinha! Ela está com quatro anos, mas o cipó se torce enquanto é novo”. (JESUS, 2014, p. 14).

Desde criança, a escritora foi questionadora. Perguntava-se por que a vida dos homens era mais fácil e manifestava o desejo de ser como eles: “Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar”. (JESUS, 2014, p. 17)

A escritora percebia que a diferença dos corpos dos homens para dos das mulheres não era apenas física. Para ela, estava claro que eles tinham mais privilégios. Também era evidente que o fato de ser negra também seria um empecilho em sua vida: “Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto”. (JESUS, 2014, p. 55) Em vários trechos do livro, Carolina descreve os termos que muitos usavam para se referir a ela: “negrinha fedida”, “cabelo pixaim”, “cadela”.

Aos sete anos, a escritora foi para a escola, e o preconceito tornou-se ainda mais evidente. No primeiro dia de aula, seus colegas disseram quando ela entrou: “Que negrinha feia. (...) Que olhos grandes, parece sapo”. (JESUS, 2014, p. 124) A própria professora fazia uso da questão racial para fazer com que os alunos estudassem. Ela dizia aos alunos negros que os brancos eram mais esforçados e vice-versa: “Eles [os negros] vão passar de ano e vocês bancos vão repetir. Vai ficar ridículo para vocês, porque todos pensam que o branco é mais inteligente que o preto”. (JESUS, 2014, p. 130)

Alguns anos mais tarde, Carolina adquiriu uma doença de pele, o que se tornou mais uma dificuldade em sua vida. Durante meses, sofria para conseguir atendimento e para melhorar. Vagava entre as cidades, procurando hospitais que a socorressem. Sua família em

nada a apoiava: “Voltei para a casa da tia Ana. Eu estava suja. Três dias sem tomar banho, e com um calor insuportável. Mas eles não iam deixar eu tomar banho no banheiro. Compreendi que eles me tratavam com profundo desprezo, para eu deixar a casa”. (JESUS, 2014, p. 166)

Na sua luta para curar-se, ia de cidade em cidade procurando também uma atividade para se sustentar. Trabalhou em casas de família como doméstica, onde era tratada com desprezo, sendo chamada de nomes como “ordinária, cadela e nojenta”.

A narrativa termina com a ida de Carolina para a cidade de São Paulo. Em *Quarto de despejo*, Carolina relata seu cotidiano como mulher negra, catadora de lixo, moradora da favela do Canindé, já na São Paulo da década de 1950, mãe solteira de três filhos e escritora. Sua vida, em tudo, parecia causar estranheza na sociedade de então: uma mulher negra, que vivia do seu próprio sustento, por meio de uma profissão marginal e que tinha um filho de cada pai. Como imaginar que alguém assim pudesse ser escritora?

Seu diário foi descoberto pelo jornalista Audálio Dantas, que o publicou. Atualmente, muito se discute sobre o seu papel no que concerne à edição do texto. Entretanto, aqui não abordaremos esta questão, analisando apenas o que foi publicado.

Mesmo que muitos trechos tenham sido excluídos na edição feita por Audálio, notamos que o maior sonho de Carolina era tornar-se escritora: escrever para sobreviver a tudo e apesar de tudo. Em seu diário, a escritora se refere ao seu corpo, ao corpo de seus filhos e aos outros moradores da favela. Os temas abordados são cansaço, sono – ou falta dele –, fome, males físicos, bebedeiras dos vizinhos.

Carolina escreve muito sobre o seu corpo cansado, mas deixa claro que resiste porque escreve e para escrever: “Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1997, p. 17).

Através da escrita, ela se sente capaz de sobreviver, pois escrever – não apenas seu diário, mas romances, poesias, peças de teatro etc. – a fortalecia e a tornava dona de uma habilidade incomum em seu meio social. Dava-lhe a possibilidade de denunciar e ser reconhecida e até temida por causa disso.

Cabe ressaltar ainda que, em seu diário, a escritora falava do corpo sem subterfúgios:

...E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. (...) Depois começam os comentários entre as crianças:

— A Fernanda saiu nua quando o Armim estava lhe batendo.

— Eu não vi. Ah! Que pena!

E o outro para citar-lhe aproxima-lhe a boca do ouvido. E ecoa-se as gargalhadas estrepitosas. (JESUS, 1997, pp. 40-41)³

As referências às brigas, aos comentários de ordem sexual são diversas. A autora descreve também o que se passava na favela e no seu dia a dia. Os filhos eram vítimas de doenças, como a verminose – “A Vera, ontem pôs dois vermes pela boca. Está com febre”. (JESUS, 1997, p. 59) – ou de males que os atormentavam – “ela estava coçando-se e com a pele toda irritada” (JESUS, 1997, p. 60) A morte e a violência – muito menos do que nos dias de hoje, obviamente – faziam parte do cotidiano dos que viviam nas favelas: “ — Da minha janela eu vejo a filha de Leila no seu esquife. O diabo é que lá não há respeito no velório. Parece até uma festa.” (JESUS, 1997, p. 122)

Como a emoção não se dissocia do corpo, pois é por meio dele que se manifesta, os exemplos no texto de Carolina Maria de Jesus também são inúmeros – tanto de maneira explícita como implícita.

Na citação acima, por exemplo, a autora revela a sua insatisfação com o comportamento de seus vizinhos diante da morte. Insatisfação, aliás, é uma emoção que permeia boa parte da fala de Carolina. Ela se sente insatisfeita com os políticos, com as condições da favela, com o comportamento dos seus filhos, com a atitude dos vizinhos, com o seu trabalho, com o fato de buscar ter sua obra publicada e não conseguir etc.

As emoções que descreve são muitas e variadas. Mas, em geral, o que predominam são a angústia e a tristeza: “Começo a achar minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha vida”. (JESUS, 1997, p. 79) Ou ainda: “O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. (...) Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando neste mundo”. (JESUS, 1997, p. 157)

A miséria e a fome a entristecem, mas Carolina não se coloca como vítima. Sua escrita revela força e resistência: “...Eu percebo que se este Diário for publicado vai magoar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar”. (JESUS, 1997, p. 69)

Com isso, Carolina vai se diferenciando no espaço em que vive, pois acredita que suas palavras “ferem mais do que a espada. E as feridas são incicatrísáveis”. (JESUS, 1997, p. 43)

³ As referências ao texto de Carolina Maria de Jesus estão citadas na íntegra, conforme foram publicadas.

Por meio da sua ‘espada’, foi abrindo caminhos e conquistando seus sonhos: o de ser escritora, vestir-se bem, comprar uma casa de alvenaria e proporcionar um futuro melhor para seus filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. São Paulo: Zahar, 2004.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

Recebido em: 18 de março de 2016.

Aceito em: 03 de maio de 2016.